

**OS PENSARES DOS JOVENS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA  
ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO MAJOR OTÁVIO PITALUGA A RESPEITO DA  
HISTÓRIA E DO ENSINO DE HISTÓRIA**

Adriadna Lispector Rodrigues Pereira  
Paula Faustino Sampaio



**OS PENSARES DOS JOVENS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DA  
ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO MAJOR OTÁVIO PITALUGA A  
RESPEITO DA HISTÓRIA E DO ENSINO DE HISTÓRIA**

**THOUGHT SON HISTORY AND HISTORY TEACHING OF THIRD GRADE  
STUDENTS OF MAJOR OTÁVIO PITALUGA HIGH SCHOOL**

Adriadna Lispector Rodrigues Pereira  
Graduada em Licenciatura Plena em História pela UFMT - Campus de Rondonópolis.  
[adriadnapereira008@hotmail.com](mailto:adriadnapereira008@hotmail.com)

Paula Faustino Sampaio  
Universidade Federal de Mato Grosso - Campus Rondonópolis-MT.  
[paulafaustinosampaio@yahoo.com.br](mailto:paulafaustinosampaio@yahoo.com.br)

**RESUMO**

Este artigo trata a respeito dos pensamentos dos jovens do terceiro ano do ensino médio da modalidade regular na cidade de Rondonópolis-MT sobre a História e o ensino de história. Nesse sentido, tentar compreender a visão desses sujeitos para problematizar a relação entre ensino e aprendizagem no ensino médio, por meio da etnografia em sala de aula,

***OS PENSARES DOS JOVENS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA  
ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO MAJOR OTÁVIO PITALUGA A RESPEITO DA  
HISTÓRIA E DO ENSINO DE HISTÓRIA***

Adriadna Lispector Rodrigues Pereira

Paula Faustino Sampaio

questionários e possíveis entrevistas, não somente com os alunos, como também professores. Os resultados, no entanto, são parciais, visto que este se remete a outro projeto ainda em construção.

**Palavras-chave:** Ensino de História; História; Jovens; Ensino Médio.

**ABSTRACT**

The present article is about third year grade students thought son History and History teaching in the city of Rondonópolis-MT. The purpose of this study at tempts to understand its subject's poin of view and questioning of the relationship between teaching and learning through ethnic diversity in classroom. Students and tea cherswere interviewed. The results are yet partial and belong to a much wider project under progress.

**Keywords:** History teaching; History; youth; High School.

**INTRODUÇÃO**

Durante uma das aulas da disciplina Iniciação à Produção Monográfica lecionada pela professora Mestra Paula Sampaio durante o segundo semestre do 2º ano de licenciatura em História, quando o assunto discutido era *“qual o tema vocês se interessam a pensar para o TCC?”* quando pensamos no questionamento: *“Por que não saber o que os alunos pensam acerca da disciplina História?”*

Pensando mais sobre o assunto, questionamos o porquê ainda não ouvira falar quase nada a respeito. Tudo isto fez com que despertasse ainda mais o interesse em pesquisar e compreender o que os alunos pensam sobre o ensino de História. Ao pensar a respeito, nos veio à mente os anos de estudos nas escolas de ensino fundamental e médio. Durante uma boa

**OS PENSARES DOS JOVENS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA  
ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO MAJOR OTÁVIO PITALUGA A RESPEITO DA  
HISTÓRIA E DO ENSINO DE HISTÓRIA**

Adriadna Lispector Rodrigues Pereira

Paula Faustino Sampaio

parte de nossas vidas escolares passamos por diversas escolas (devido a várias mudanças de bairros e cidades), e em praticamente todas elas os métodos de como era ensinado História eram idênticos: o professor (a) chegava à sala, abria o livro didático, explicava e passava as atividades ao final de cada capítulo. Quando havia algo diferente era algum filme “*para passar o tempo*” ou ainda um seminário a ser apresentado, mas quase sempre sem muitos questionamentos. Tudo isto nos dava a impressão ou acreditávamos que a História não tinha muito sentido em nossas vidas.

Ouvíamos constantemente de nossos colegas de sala e de escola que “*história é chata*”. Por vezes ousamos questionar o porquê de a disciplina ser considerada dessa forma, mas nunca obtivemos uma resposta plausível. Hoje como estudante de Licenciatura em História e pesquisadora, ousamos mais uma vez investigar sobre o que pensam os jovens sobre o ensino de história e possivelmente descobrir o porquê da disciplina ser censurada e ensinada dessa maneira. Mesmo porque é preciso que haja avanço no processo ensino e aprendizagem do conteúdo de história para que a mesma comece a fazer parte de fato da vida de seus aprendizes.

Nesse sentido, penso que poderiam ser levantadas três hipóteses a respeito de o porquê disso acontecem. A primeira delas seria que a partir da diversidade de registros (desde cartas até restos de alimentos) há um avanço da interdisciplinaridade como forma de incorporação de métodos e técnicas de outras áreas do conhecimento, afirmam Eni de Mesquita Samara e Ismênia S. Silveira T. Tupy (2010). Interdisciplinaridade entendida como troca de conteúdos e métodos entre diferentes disciplinas, ultrapassando a segmentação do conhecimento promovida pela multidisciplinaridade tradicional Eni de Mesquita Samara e Ismênia S. Silveira T. Tupy (2010). O que poderia vir a possibilitar uma maior aceitação por parte dos alunos. A segunda, levaríamos em conta à disposição novas técnicas e a

***OS PENSARES DOS JOVENS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA  
ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO MAJOR OTÁVIO PITALUGA A RESPEITO DA  
HISTÓRIA E DO ENSINO DE HISTÓRIA***

Adriadna Lispector Rodrigues Pereira

Paula Faustino Sampaio

interdisciplinaridade a favor do ensino, seriam os docentes os responsáveis pela utilização de metodologias que não se adéquam ao perfil de seus alunos. E terceira a de que os jovens alunos não se comprometem a estudar, em evidente descaso ao ensino com ênfase à disciplina História.

Dessa forma, pensamos em trabalhar com alunos e professores do 3º ano do ensino médio das escolas públicas da cidade de Rondonópolis, utilizando questionários, entrevistas e possivelmente o material coletado a partir das etnografias em sala do 3º ano do ensino médio. Haja vista que, como diriam Eni de Mesquita Samara e Ismênia S. Silveira T. Tupy (2010), em sua obra “História & Documento e metodologia de pesquisa”, nos dizem que “os materiais que não utilizam o alfabeto como signo gráfico – filmes, fotos, memória oral, hábitos, práticas, dentre outros – também podem ser documentos históricos”. A diferença é que ao utilizá-los, deve-se levar em conta que a análise dos mesmos muda de documento para documento, portanto é necessário serem estudados os conhecimentos prévios de cada área específica. Ou seja, desde o papiro encontrado no Egito ou os softwares de hoje é necessário tomar o devido cuidado com a escrita, uma vez que o texto, primeiro e antes de tudo, é uma representação física da linguagem e um veículo de ideias e informações, demandando assim um trabalho especializado ou crítico de erudição.

### **Revisão de Literatura**

Tentando trazer à discussão autores que possibilitam pensar o tema, dentre tantos outros, elencamos uma das várias contribuições da autora Selva Guimarães Fonseca a respeito

***OS PENSARES DOS JOVENS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA  
ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO MAJOR OTÁVIO PITALUGA A RESPEITO DA  
HISTÓRIA E DO ENSINO DE HISTÓRIA***

Adriadna Lispector Rodrigues Pereira

Paula Faustino Sampaio

da história e do ensino de história. Nesse sentido, a autora nos diz que:

(...) como o estudo da experiência humana no passado e no presente. A história busca compreender as diversas maneiras como homens e mulheres viveram e pensaram suas vidas e as de suas sociedades, através do tempo e do espaço. Ela permite que as experiências sociais sejam vistas como um constante processo de transformação; um processo que assume formas muito diferenciadas e que é produto das ações dos próprios homens. O estudo da história é fundamental para perceber o movimento e a diversidade, possibilitando comparações entre grupos e sociedades nos diversos tempos e espaços. Por isso, a história ensina a ter respeito pela diferença, contribuindo para o entendimento do mundo em que vivemos e também do mundo em que gostaríamos de viver. (FONSECA, 2003, p. 40).

Para ela,

O ensino de história é um espaço complexo, no qual atuam diferentes propostas de saber e poder, cabendo aos professores de história o papel fundamental de desenvolver um ensino que contribua para a formação do pensamento crítico e reflexivo, para a construção da cidadania e para a consolidação da democracia entre nós. (FONSECA, 2003, p. 56).

Outro autor que contribui muito para nossa pesquisa é o historiador Marc Bloch. Em sua última obra, “Apologia da História Ou o ofício do historiador, Bloch nos diz algo que mudou muito do que se concebia por História até então”. Segundo ele, a História não seria meramente uma ciência dos homens. Porém, uma ciência dos homens no tempo. A História, não é uma ciência como alguma outra em que o objeto pode ser pego em mãos, levado ao

***OS PENSARES DOS JOVENS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA  
ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO MAJOR OTÁVIO PITALUGA A RESPEITO DA  
HISTÓRIA E DO ENSINO DE HISTÓRIA***

Adriadna Lispector Rodrigues Pereira

Paula Faustino Sampaio

laboratório e analisado. A História lida com pessoas, sujeitos sociais em conjunto ou individuais, carregados de memórias (outra matéria-prima), de crenças, costumes, culturas diferentes, sociedades diferentes e em tempos diferentes.

Pensando em nossa metodologia de pesquisa, primeiramente quanto à etnografia, José Guilherme Cantor Magnani (2002) nos diz que é necessário ter “um olhar de perto e de dentro”. E nesse sentido, ainda estamos trabalhando esses olhares em sala de aula com a turma do 3ºB matutino sob a regência da docente Rosana Maria Cavassan Dourado da Escola Estadual Major Otávio Pitaluga. No momento essa etnografia está em construção, o que me impede de fornecer qualquer informação a respeito da mesma.

Com relação aos questionários e entrevistas, Antonio Torres Montenegro (1994) nos diz que “(...) o depoimento oral e as fontes documentais escritas se complementam, embora requeiram tratamento técnico/metodológico específico.” Embora uma metodologia contribua com a outra, é preciso que se tenha a ciência de que ambas têm a necessidade de análise críticas diferentes. Uma vez que o documento escrito é uma representação do real, enquanto a memória no depoimento oral está carregada de subjetividade (desejos de quem fala). Ou como diria Alessandro Portelli, citado por Antonio T. Montenegro, (1994) “uma das condições do trabalho do entrevistador é que ele “aceite” o entrevistado e dê prioridade ao que este deseja contar, sobre o que o entrevistador deseja ouvir.” Ou seja, embora busquemos compreender certos aspectos de nossa pesquisa por meio das entrevistas, precisamos ter a ciência de que os entrevistados só nos deixarão saber aquilo que eles selecionarem como importante ou não, a partir de seus critérios particulares aquilo em deseja compartilhar conosco.

É válido destacar também como vem sendo visto o papel desempenhado pelo

***OS PENSARES DOS JOVENS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA  
ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO MAJOR OTÁVIO PITALUGA A RESPEITO DA  
HISTÓRIA E DO ENSINO DE HISTÓRIA***

Adriadna Lispector Rodrigues Pereira  
Paula Faustino Sampaio

aluno hoje em nosso país. Segundo Fonseca

Os alunos (no plural) são pessoas que têm histórias de vida diferentes, culturas e valores diversos. Por isso, não são mais considerados no singular, meras “tábulas rasas”. Seus conhecimentos prévios, seus interesses, suas motivações, seus comportamentos e suas habilidades são importantes contribuições não apenas como ponto de partida, mas como componentes de todo o processo educativo. Como sujeitos, os alunos não apenas contribuem, mas participam, negociam, constroem, interagem ativamente com os outros alunos, os professores e o conhecimento. (FONSECA, 2003, p. 103).

Essa visão de que os alunos são meros expectadores sentados, quietos, apenas ouvintes em sala de aula, pelo que podemos perceber segundo a autora, são extremamente erradas e perigosas. Principalmente pelo fato de uma vez que os docentes de História (nesse caso específico) passaram pela Universidade e aprenderam – ou deveriam – que a História, dentre tantas outras finalidades, é poder proporcionar aos alunos um caminho para conseguirem um olhar crítico acerca do mundo que os cercam.

A História precisa instigar o senso crítico no educando no sentido de fazê-lo perceber que ele também faz parte do processo histórico e que pode também fazer sua própria histórica. Esse pode e deve ser o sujeito da História e não apenas objeto passivo da história.

### **Considerações Finais**

Levando em conta o que aqui fora discutido (ainda que brevemente), considero de uma importante relevância destacar ainda o pensar a respeito da problemática tanto desse artigo, como também do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), uma proposta defendida

**OS PENSARES DOS JOVENS DO TERCEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA  
ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO MAJOR OTÁVIO PITALUGA A RESPEITO DA  
HISTÓRIA E DO ENSINO DE HISTÓRIA**

Adriadna Lispector Rodrigues Pereira

Paula Faustino Sampaio

pela professora Dr<sup>a</sup> Heloisa Dupas em uma conferência no último SerHum realizado na UFMT, campus de Rondonópolis. Segundo ela (em outras palavras), é necessário que o professor conheça seu aluno. Estabeleça diálogos com ele. Conheça sua realidade. Faça-o pensar/refletir a partir daquilo que ele gosta de fazer (por exemplo, assistir futebol). Faça-o questionar e ir à busca de suas respostas. Instigue-o! Como os alunos se interessarão por aquilo de que eles não fazem parte ou que não faz parte da realidade deles?

### **Referências**

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: Experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas: Papirus, 2003. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico). p. 40; 56; 103.

MAGNANI, J. G. **Horizontes Antropológicos: Etnografia como prática e experiência**. Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 132, jul/dez. 2009. p. 132.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 1994.

SAMARA, Eni de Mesquita. História & Documento e metodologia de pesquisa. In: **A leitura crítica do documento**/ Eni de Mesquita Samara e Ismênia Spínola Silveira Truzzi Tupy. – 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, pp. 117-121.